

ARTIGOS

A PESQUISA NOS CAMPOS DO CURRÍCULO E DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Lucíola Licínio Santos

RESUMO: Os campos do currículo e da formação de professores são campos interligados, uma vez que o currículo torna-se uma realidade concreta por meio da prática pedagógica do professor. Apesar de muitos pesquisadores, sobretudo, do campo do currículo também estudarem e investigarem no campo da formação docente, cada uma dessas áreas tem sua própria produção especializada, com suas revistas, grupos acadêmicos e eventos científicos. A produção nesses dois campos tem o potencial de dar suporte às práticas escolares e às políticas educacionais. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar a produção dessas duas áreas, buscando identificar temas, autores e abordagens teóricas utilizadas em ambas, bem como suas aproximações e diferenças. Para atingir esse objetivo, foi levantada e avaliada a literatura recente desses campos, identificando artigos que discutem a produção em cada uma delas. Com base nesses dados, este trabalho analisa o desenvolvimento desses campos, levanta questões e aponta caminhos que possam ajudar a superar alguns dos problemas identificados. Os dados mostram convergências entre os dois campos, mas também diferenças. Por um lado, os dois campos têm uma dispersão temática; por outro, enquanto no campo do currículo prevalece uma abordagem pós-estruturalista, no campo da formação de professores predomina uma orientação baseada nos estudos críticos. Podemos observar que, apesar de ter crescido o número de artigos no campo das políticas públicas, a produção acadêmica poderia ter dado uma maior contribuição para a formação de professores e para as práticas escolares, discutindo os cursos de formação de professores, seus currículos e práticas, como também apresentando alternativas para os currículos da educação básica, porque é urgente e necessário melhorar o sistema de educação pública no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo, formação de professores, pesquisa sobre currículo, pesquisa sobre formação de professores.

INTRODUÇÃO

Os campos do currículo e da formação de professores são campos interligados, uma vez que o currículo se torna uma realidade concreta por meio da prática pedagógica do professor. Apesar de muitos pesquisadores, sobretudo, do campo do currículo também estudarem e pesquisarem no campo da formação docente, cada uma dessas áreas tem sua própria produção especializada, com suas revistas, grupos acadêmicos e eventos científicos, tendo a produção nos dois campos o potencial de dar suporte às práticas e às políticas educacionais.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar a produção dessas duas áreas, buscando identificar temas, autores e abordagens teóricas utilizadas em ambas, bem como suas aproximações e diferenças. Para atingir esse objetivo, primeiramente, levantou-se a recente literatura dessas áreas, identificando artigos que tenham discutido a produção em cada uma delas. Os dados relativos ao campo do currículo foram coletados, a partir de levantamentos feitos por acadêmicos dessa área sobre o desenvolvimento desse campo no Brasil e de trabalhos apresentados no Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares, realizado na Universidade do Minho, em Braga, em 2014. Os dados para discussão no campo da formação de professores vêm de estudos que buscam fazer um balanço sobre a produção acadêmica nessa área. Com base nos dados levantados, este artigo analisa o desenvolvimento dos dois campos, levanta questões e aponta caminhos que possam ajudar a superar alguns dos problemas identificados.

Num primeiro momento, buscou-se mapear os dois campos e analisar sua produção e, na sequência, fazer uma apreciação das pesquisas nessas duas áreas. Em primeiro lugar será discutido o campo do currículo e, em seguida, o campo da formação docente.

A PESQUISA NO CAMPO DO CURRÍCULO

A produção na área do currículo no Brasil avançou bastante desde que Moreira (1990) mapeou a emergência e o desenvolvimento do campo no país. Os acadêmicos dessa área, sob a influência da tendência crítica, predominante na década passada, procuraram analisar e diagnosticar problemas, bem como elaborar sugestões e recomendações, com vistas à superação de crônicos problemas presentes no currículo escolar. Nesse contexto, foram criticados os currículos disciplinares; a hegemonia da cultura acadêmica nos conteúdos curriculares; a hierarquização de disciplinas, no interior das propostas curriculares; e as discriminações de classe, gênero e etnia, presentes tanto nos currículos oficiais quanto nos materiais didáticos e nas práticas escolares. Multiplicaram-se os trabalhos que defendiam: os currículos integrados; a necessidade de conhecimento das culturas dos alunos; o respeito às diferenças culturais; a aproximação do currículo da vida cotidiana e da cultura da comunidade em que a escola se insere; a necessidade de a escola trabalhar não apenas conteúdos cognitivos, mas também valorizar e trabalhar o corpo, as emoções e as habilidades e valores sociais; a reorganização da sala de aula, no sentido do estabelecimento de práticas mais democráticas de ensino e o uso de materiais variados no ensino. Além disso, foi também discutida a influência do currículo na formação das subjetividades dos alunos, em função não apenas dos conteúdos ministrados, mas também das formas de ensino utilizadas (SANTOS, 2007).

Os estudos sobre currículo são recentes no Brasil e o campo passa a se organizar, do ponto de vista acadêmico, principalmente, nas três últimas décadas. Moreira (2002) observa que somente em meados dos anos 1980 foi organizado, no interior da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), o Grupo de Trabalho (GT) de Currículo, que passou a reunir os acadêmicos da área. Considerando

que o GT contribui e revela, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do campo, Moreira (2002) faz uma análise sobre sua construção no país, com base nas propostas, atividades e dinâmicas do próprio GT. Discute, ainda, as tendências presentes na área dos estudos curriculares, com base nos trabalhos apresentados no GT no período de 1996 a 2002.

De acordo com Moreira (2002, p. 93), os trabalhos mostram

preocupações com o cotidiano escolar, com a construção do conhecimento em redes, com distintos artefatos culturais, com propostas curriculares, com o multiculturalismo, com o poder de controle e de governo do currículo, bem como com a história do pensamento curricular e das disciplinas.

Ainda segundo Moreira (2002), entre os autores mais citados nos trabalhos apresentados no GT, além dos brasileiros ligados ao campo do currículo, estão autores estrangeiros, com predominância dos americanos, com destaque para Giroux e Apple, seguidos de autores ingleses, como Bernstein e Goodson, e autores espanhóis, como Sacristán e Santomé. São também citados autores brasileiros e, sobretudo, estrangeiros que trabalham com sociologia, filosofia e estudos culturais.

As principais observações sobre o campo destacadas pelo autor são: a) a produção na área não se concentra em determinados temas ou questões, sendo bastante diversificados os interesses, fontes e influências teóricas; b) há falta de diálogo entre os autores, pois a produção não apresenta cruzamentos, interseções e choques de ideias; c) as dissertações e teses refletem claramente a influência dos programas, das linhas de pesquisa e dos orientadores a que estão filiadas; d) observa-se uma ausência de formulações de ideias originais, dominando a aplicação do que já foi produzido (MOREIRA, 2002).

Lopes, Macedo e Paiva (2006) também analisam a produção no campo do currículo no Brasil, tomando como referência as teses e dissertações defendidas entre 1996 e 2002. Foram analisados 453 trabalhos, de 27 dos 65 programas de pós-graduação em educação existentes no período. As autoras selecionaram trabalhos dos programas que colocavam foco e/ou tinham como eixo ou linhas de pesquisas e/ou grupo de pesquisadores voltados para a investigação na área dos estudos curriculares, centrando-se somente nos trabalhos voltados para a educação básica.

As principais conclusões da pesquisa podem ser assim sintetizadas: dos 453 trabalhos analisados, 43,5% (197 trabalhos) focalizam as práticas curriculares, sendo que o maior número deles discute a relação entre o currículo oficial e as práticas de sala de aula; 22,3% (101 trabalhos) têm como foco a análise de propostas curriculares oficiais; 17,7% (80 trabalhos) estão voltados para a organização curricular; 16% (68 trabalhos) discutem a seleção de conteúdos. As autoras destacam uma certa reificação do conhecimento escolar e observam que os trabalhos não problematizam nem a seleção e nem a organização dos conteúdos curriculares. A pesquisa mostra, ainda, que não fica claro nas teses e dissertações qual é a principal abordagem teórica. As autoras também identificam a predominância, nos 453 trabalhos analisados, de uma abordagem sociológica/filosófica, que atinge uma percentagem de 63,6% (297 trabalhos). Em relação aos autores mais citados, a pesquisa aponta que, ao lado dos autores do campo do currículo, os trabalhos citam autores das áreas de filosofia, sociologia, psicologia e antropologia (LOPES, MACEDO e PAIVA, 2006).

Uma das conclusões importantes dessa pesquisa diz respeito a uma contradição que as autoras apontam nos trabalhos analisados. Primeiramente, Lopes, Macedo e Paiva (2006) mostram que, sob a forte influência das teorias críticas, passou a ser dada maior ênfase aos aspectos políticos ligados à seleção e organização

do currículo, enquanto perdiam espaço os trabalhos relacionados à gestão e prescrição curricular. No entanto, nos trabalhos analisados, as autoras identificam que 15,2% (69 trabalhos) têm um caráter fortemente prescritivo e ao mesmo tempo, 90% dos trabalhos, sob a forma de recomendações e sugestões, também propõem algum tipo de intervenção nos currículos, principalmente, dos cursos de formação de professores. As autoras também apontam para o fato de que no Brasil, como em outros países, os estudos culturais passam a ter grande influência nos estudos curriculares, predominando, nessa perspectiva, os estudos de orientação pós-estruturalista. No entanto, as autoras destacam que poucas dissertações e teses abordam questões culturais, assim como são escassas as referências a autores pós-estruturalistas, com exceção dos trabalhos produzidos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde havia e ainda há grande influência dessa literatura. Por fim, as autoras também mostram a improcedência da crítica de que os estudos feitos na universidade dão pouca centralidade à realidade das escolas, pois em sua pesquisa encontraram um grande número de estudos que focalizam a escola pública.

Em 2014, no *International handbook of curriculum research*, editado por William Pinar, com artigos sobre a pesquisa no campo curricular em 34 países, Lopes e Macedo apresentam o texto intitulado *The curriculum field in Brazil since the 1990s*. Nesse artigo as autoras enfatizam o aumento da dispersão das temáticas abordadas no campo do currículo, evidenciado pelo registro de 614 grupos de acadêmicos que fazem pesquisas que são descritas como relacionadas ao campo do currículo (grupos de pesquisa registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq). Ressaltam, também, a perda do prestígio dos trabalhos de orientação marxista, que cedem lugar a referenciais pós-estruturalistas, sobretudo, após a segunda metade da década de 1990, quando passa a dominar o campo essa última tendência. Para as autoras, no Brasil, sob a influência de autores brasileiros e estrangeiros, houve uma mistura das tendências críticas e pós-estruturalistas/pós-modernistas no campo do currículo e mesmo as abordagens pós-críticas/pós-estruturalistas, apesar de dominantes, continuam a ser mescladas pelas teorias críticas (MACEDO e LOPES, 2014).

Considerando o choque entre a teoria crítica e os estudos pós-estruturalistas, as autoras se propõem a analisar quatro temas: **conhecimento, cultura, vida cotidiana e política**. Em relação ao *conhecimento*, segundo as autoras, o campo curricular oscila de uma posição relativista, que considera as diferentes fontes do conhecimento como igualmente válidas, do ponto de vista epistemológico, para uma visão universalista, que reconhece como de maior valor aqueles conhecimentos que possibilitam a emancipação e mudanças sociais voltadas para uma sociedade mais democrática. De acordo com as autoras, **cultura** ganha proeminência no campo do currículo e seu significado depende do referencial utilizado (teorias críticas ou pós-estruturalistas), mas a centralidade dessa temática se relaciona com o crescimento das perspectivas pós-estruturalistas. Em relação aos estudos sobre **cotidiano**, que na década de 1980 se orientavam pelas teorias críticas, as autoras argumentam que esses se ampliam, a partir dos anos 1990, utilizando referenciais pós-estruturalistas, sem contudo conseguirem se libertar da utopia da emancipação. Ainda de acordo com Lopes e Macedo (2014), crescem no campo, nos últimos anos, os estudos sobre **políticas curriculares**, permanecendo nessa área estudos orientados simultaneamente por teorias críticas e pós-estruturalistas, devido à influência de autores como Stephen Ball.

O caráter híbrido do campo já havia sido destacado em capítulos do livro *International handbook of curriculum research*. Nesse livro, também organizado por Pinar (2003), Lopes e Macedo apresentam o artigo intitulado *The curriculum field in Brazil in the 1990s* e Moreira o artigo *The curriculum field in Brazil: emergence and consolidation*. Na Introdução do livro, Pinar apresenta os capítulos, e já destaca o fato de que Lopes e Macedo, assim como Moreira, afirmam o caráter híbrido do campo no Brasil (PINAR, 2003, p. 10). Segundo

Pinar, nesses dois artigos, os autores argumentam que esse hibridismo decorre do fato de os estudos pós-modernos e pós-estruturalistas, que ganharam crescente destaque no campo a partir dos anos 1990, serem mesclados com diferentes orientações teóricas.

Com conclusões próximas às de Lopes e Macedo (2014), Kumar (2011, p. 27) afirma que os estudos no campo curricular passaram por três fases: pré-marxista, marxista e pós-marxista. Na primeira, dominou o pensamento instrumental de Tyler; na segunda, centralizada na relação entre escola e sociedade, predominaram conceitos como poder, ideologia, hegemonia e reprodução. Na terceira fase, que começou na segunda metade da década de 1990, prevalecem os discursos pós-moderno, pós-estruturalista e pós-colonial, que enfatizam subjetividade, vida cotidiana, hibridismo, cultura e diferença.

Em 2011, Pinar organiza um livro intitulado *Curriculum studies in Brazil: intellectual histories, present circumstances*, no qual há oito capítulos escritos por acadêmicos brasileiros do campo do currículo e um capítulo introdutório e um final escritos por ele. Os capítulos do livro abordam a história intelectual desse grupo de acadêmicos e o desenvolvimento e atual cenário dos estudos curriculares no Brasil. Tais estudos fizeram parte de um painel internacional organizado por Pinar, em que o grupo trocou ideias durante dois anos. Pinar (2011b) ressalta que quatro temáticas se destacam nos estudos sobre currículo no Brasil: enunciação, acontecimento, cotidiano e hibridismo.

Serão agora examinados os trabalhos apresentados no Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares, de 2014, realizado em Braga, a partir do qual foram levantados alguns dados. Entre os 786 trabalhos inscritos nos 14 eixos, propostos pela coordenação do evento, destacam-se os seguintes: currículo, didática e formação de professores, com 179 trabalhos inscritos (22,7%); currículo e políticas educacionais, com 122 trabalhos (15,5%); currículo, conhecimento e disciplinas escolares, com 87 trabalhos (11,5); currículo e educação superior, com 83 trabalhos (10%); currículo e cultura, com 69 trabalhos (8,5%); currículo e educação formal, não formal e informal, com 62 trabalhos (7,8%); currículo e avaliação, com 57 trabalhos (7%); e currículo e tecnologias, com 41 trabalhos (5%).

Consultando a bibliografia dos trabalhos do Colóquio percebe-se que há uma grande dispersão em relação aos autores citados, que incluem os que Moreira (2003) identificou e outros. São feitas referências tanto a autores ligados ao materialismo histórico e dialético, como Adolfo Vasquez e Karel Kosik, como também a autores ligados ao pós-estruturalismo, incluindo Zygmunt Bauman, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault e Ernesto Laclau, passando por autores do campo, como Stephen Ball, Bernstein, Apple, Popkewitz, entre outros. Em relação aos autores brasileiros, são citados desde Saviani a Alice Lopes, passando por Nilda Alves, Antônio Flávio Moreira e Tomás Tadeu.

Em resumo, observa-se que os artigos sobre a produção na área do currículo revelam que realmente esse campo se desenvolveu de acordo com as três fases descritas por Kumar (2011). No entanto, esse desenvolvimento não ocorreu de forma linear e sucessiva, pois até hoje três influências estão presentes no campo, ou seja, estudos e pesquisas baseados: no pensamento instrumental de Tyler, nas teorias críticas e nas teorias pós-críticas. Estudos estes, que na sua grande maioria, mesclam essas influências de diferentes maneiras e em distintas perspectivas.

Atualmente, apesar das divergências no interior do campo, existe um assunto em relação ao qual, pode-se dizer, que as posições convergem. É que a grande maioria dos acadêmicos da área do currículo se posiciona contra a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). É importante destacar que essa é uma proposta

que, além dos grupos de especialistas das diferentes áreas, é apoiada por organizações não governamentais e por grupos e entidades ligados ao setor privado, como o movimento Todos pela Educação. Já começa a crescer a produção que faz crítica à BNCC, o que fica evidenciado no dossiê da revista *e-Curriculum*, que apresentou, em 2014, em seu terceiro número, um dossiê sobre a temática. Esse fato mostra o crescimento do interesse pelos estudos sobre políticas curriculares, já evidenciado no Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares de 2014.

A PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE

Antes de tudo, é necessário esclarecer que formação docente é um campo que se desenvolveu no Brasil, principalmente, a partir do fim dos anos 1970. Os trabalhos nessa área incluem temáticas como formação inicial e continuada, saberes docentes, prática dos professores, identidade e profissionalização do professorado, condições de trabalho, englobando a saúde do professor, políticas sobre trabalho e formação docente, carreira, salário e movimentos sindicais dos docentes.

Segundo Zeichner (1998, p. 77), até o final da década de 1970, predominavam no campo da formação docente “os estudos experimentais quantitativos sobre a eficácia de diferentes métodos de treinar professores em tarefas específicas”. A preocupação central era a modelagem do comportamento do professor. Da mesma maneira, no Brasil, sob a influência da psicologia comportamental, era trabalhado o microensino nos cursos de formação de professores, na tentativa de fazer com que o futuro professor adquirisse, praticasse e/ou desenvolvesse as habilidades técnicas necessárias ao ato de ensinar.

Em meados dos anos 1990, em capítulo de livro sobre formação de professores, um dos subtítulos era “Da formação do professor como intelectual orgânico aos estudos sobre o saber docente”. O argumento central era que os estudos de orientação marxista predominaram na década de 1980. No entanto, as interpretações mais ortodoxas do marxismo do início da década vão cedendo lugar a referenciais mais ecléticos, resultado da interseção do materialismo dialético com outras teorias no campo das ciências sociais. Passou a haver, entre outras coisas, valorização dos aspectos microestruturais, ênfase no papel do agente-sujeito, interesse pelas identidades culturais, desconfiança em categorias objetivas e predominância de procedimentos interpretativos, ocorrendo aquilo muitas vezes visto como um deslocamento da preocupação com as questões estruturais para as culturais. Nesse quadro, os estudos sobre formação de professores assumiram novas perspectivas. As luzes sobre o autor colocam em destaque a figura do professor, focalizando-a sob novos prismas. Busca-se compreender como o professor constrói sua identidade profissional. Busca-se estudar sua história profissional e sua história de vida, analisando como essas se cruzam. Busca-se conhecer como o professor, durante sua formação inicial, antes dela e por meio do exercício de sua profissão, constrói um saber sobre seu ofício. Tanto no campo da formação continuada quanto da formação inicial, começa-se a trabalhar com histórias de vida para uma melhor compreensão do próprio processo de formação (SANTOS, 1995, p. 19).

Nesse texto, Santos (1995) já menciona a influência dos estudos pós-estruturalistas no campo da formação docente, que tomam o discurso como elemento constituinte da realidade. Assim, alguns trabalhos voltam-se para mostrar como o discurso no campo das teorias pedagógicas vai construindo a identidade dos docentes. Da mesma forma, alguns trabalhos colocam em evidência a questão do poder, buscando identificar que interesses estão sendo atendidos e que outros estão sendo excluídos no campo da formação dos professores. Esses aspectos eram abordados de forma muito incipiente na década de 1990 e se tornam mais frequentes, hoje, em algumas pesquisas que se voltam, sobretudo, para as políticas de formação docente e para a questão da identidade e subjetividade dos docentes.

Neste momento, revela-se certa similaridade entre o desenvolvimento dos campos do currículo e da formação docente no que diz respeito à substituição da matriz marxista por outras abordagens. É importante, no entanto, enfatizar que, apesar dos trabalhos pós-estruturalistas também influenciarem a área da formação docente, não o fazem com tanta força como no campo do currículo.

A seguir serão analisados os trabalhos sobre o estado da arte no campo da formação docente no Brasil. André *et al.* (1999), em artigo publicado na revista *Educação & Sociedade*, fazem um levantamento sobre as pesquisas nesse campo, no período de 1990 a 1996. Segundo as autoras, foram defendidas 284 dissertações e teses com foco na formação do professor; desse total, 216 pesquisas são sobre formação inicial (76%), seguidas de estudos sobre formação continuada, embora nesse grupo esteja um número muito menor de pesquisas do que na temática anterior, apresentando um total de 42 trabalhos (14,8%). Por último, as autoras mostram que as temáticas sobre identidade e profissionalização docente incluem 26 trabalhos (9,2%). Em relação à metodologia de pesquisa, que 72 pesquisas (25%) estudam um caso, “seja ele um curso, disciplina, turma ou professor”. Ao lado disso, 14% das pesquisas são de análise de depoimentos, com dados colhidos em questionários e entrevistas, com vistas a conhecer opiniões, pontos de vista ou representação dos informantes.

As autoras também analisaram a produção sobre formação docente no Brasil em dez periódicos, no período de 1990 a 1997, selecionados com base nos critérios de acesso, circulação e importância da instituição divulgadora. Foram encontrados 115 artigos, cuja análise mostrou que a temática que envolve o maior número de artigos é identidade e profissionalização docente, com 33 artigos (28,7%). Em segundo lugar, do ponto de vista numérico, está a temática formação continuada e, em terceiro lugar, a temática formação inicial, com 27 artigos (23,5%). As autoras destacam dois aspectos em relação a esses dados: a) o fato de a produção estar distribuída de forma equilibrada entre os quatro temas, diferentemente do que mostrou a produção dos discentes, nas teses e dissertações; b) a predominância de artigos sobre identidade e profissionalização docente, enquanto nas teses e dissertações predominou a temática formação inicial (ANDRÉ *et al.*, 1999).

O artigo apresenta, ainda, dados sobre levantamento feito no GT da ANPEd sobre formação docente, no período de 1992 a 1998, tendo as autoras constatado que, de um total de 70 trabalhos apresentados, 29 (41%) versam sobre formação inicial. Em segundo lugar, estão 15 textos (22%) sobre formação continuada, quase a metade do número de artigos sobre a temática anterior. Em terceiro lugar, estão 12 textos (17%) sobre identidade e profissionalização docente e, por último, dez textos (14%) sobre prática pedagógica e quatro (6%) de revisão de literatura (ANDRÉ *et al.*, 1999).

Nas conclusões, as autoras enfatizam: a) o interesse pela formação do professor das séries iniciais; b) o grande silêncio, com raras exceções, sobre a questão da diferença e da diversidade cultural, temática importante no que diz respeito à prática docente; c) a escassez de dados que possam dar suporte às políticas e práticas educacionais (ANDRÉ *et al.*, 1999).

Em artigo publicado em 2009, André apresenta os resultados de outro levantamento feito em teses e dissertações, no período de 1999 a 2003. A autora busca identificar mudanças ocorridas nessas pesquisas em relação às temáticas e abordagens teóricas e metodológicas, ao compará-las com o levantamento realizado anteriormente e acima comentado. André observa que houve um aumento no número de teses e dissertações no campo da formação docente, que passou a ocupar 16% da produção geral dos programas. Entre as 1.184 teses e dissertações no campo da formação de professores no período analisado, a temática identidade e profissionalização docente reuniu o maior percentual de artigos, com 41% dos trabalhos pesquisados. Essa

temática foi seguida pela formação inicial, com 22%, e formação continuada, com 21% e por políticas de formação, com 4% dos trabalhos. Segundo André (2009), temáticas como as novas tecnologias no processo de formação docente cresceram no interior do campo, enquanto questões de gênero ficaram aquém da expectativa da pesquisadora.

A autora mostra que as pesquisas dos alunos de pós-graduação apresentaram uma grande dispersão em relação a autores citados, tendo o levantamento mostrado a presença de 437 autores na bibliografia das teses e dissertações, sendo que alguns apareceram apenas em uma pesquisa. De acordo com André (2009, p. 3), “os dez autores mais citados foram: Vygotsky (43 citações), Paulo Freire (37), Nóvoa (35), Schön (24), Bakhtin (19), Tardif (16), Perrenoud (14), Foucault (14), Piaget (13) e Bardin (13)”.

Em 2010, no XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), realizado em Belo Horizonte, André (2010) apresentou o trabalho intitulado *A pesquisa sobre formação de professores: contribuições à delimitação do campo*, no qual traz importantes contribuições sobre as pesquisas na área, fundamentando-se em um levantamento feito sobre as dissertações e teses defendidas em 2007, utilizando-se o resumo que os trabalhos apresentam. A autora mostra que o tema formação docente atingia de 6 a 7% das pesquisas dos estudantes de pós-graduação em educação nos anos 1990 e passou a constituir 22% das dissertações e teses em 2007, totalizando, nesse ano, 298 trabalhos. Sintetizando, nos anos 1990, as pesquisas dos alunos de pós-graduação se concentraram na formação inicial, com 76% dos trabalhos (ANDRÉ *et al.*, 1999) e nos anos 2000, a temática que incluiu maior número de trabalhos foi identidade e profissionalização docente (ANDRÉ, 2009), que passou a concentrar 53% das pesquisas de teses e dissertações em 2007 (ANDRÉ, 2010).

No mesmo sentido, em trabalho encomendado pelo GT da ANPEd de Formação de Professores, Brzezinski (2007) analisa a produção do próprio GT no período de 1999 a 2006 e nos 83 trabalhos apresentados, encontrou que o tema identidade e profissionalização docente incluía o maior número de trabalhos (28 trabalhos, ou seja, 34%).

No que diz respeito ao enfoque teórico, André (2010) mostra que poucos autores explicitam seu referencial, apenas alguns deles o fazem, como no caso dos que disseram se orientar pelo materialismo histórico-dialético e pela psicologia sócio-histórica. Segundo a autora, há também uma grande dispersão em relação aos autores citados em diferentes trabalhos. Em relação à metodologia, a autora aponta que há uma grande fragilidade na área, que fica evidenciada pela falta de fundamentação sobre a abordagem metodológica das pesquisas. Nos trabalhos em que foi identificada a metodologia, a autora diz tratar-se de microestudos que incluem poucos sujeitos e “uma porção muito restrita da realidade” (ANDRÉ, 2010, p. 283). Quanto às técnicas de coleta de dados, observa que houve progressos nesse sentido, com o crescimento do uso de questionários e de “grupos de discussões, grupos focais, registro escrito, relato autobiográfico e a videografia” (ANDRÉ, 2010, p. 283).

Brzezinski (2014) coordenou uma pesquisa intitulada *Formação dos profissionais da educação (2003-2010)*, tendo sido a coleta de dados realizada por um grupo de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras. A publicação dessa pesquisa apresenta, no primeiro capítulo, os resultados do levantamento realizado nas teses e dissertações defendidas no período de 2003 a 2007 e, no segundo capítulo, dos trabalhos defendidos no período de 2008 a 2010, focalizando também teses e dissertações. Os resultados das duas pesquisas trazem dados e observações muito próximos àqueles de André (2010); por essa razão, será apresentado apenas o resultado do levantamento do nome dos autores que constam das referências bibliográficas dos trabalhos analisados, para que seja possível identificar as tendências teóricas predominantes na área.

No primeiro período (2003 a 2008), Brzezinski (2014) mostra que, entre os autores mais citados, estavam os mais conhecidos acadêmicos brasileiros que trabalham no campo, como Marli André, Selma Garrido, Bernardete Gatti, entre outros. Contudo, os autores que ocuparam os três primeiros lugares na classificação apresentada são Paulo Freire, Dermeval Saviani e Miguel Arroyo, que não são propriamente pesquisadores do campo da formação de professores. Entre os autores estrangeiros mais citados, estavam, nos três primeiros lugares, Nóvoa, Perrenoud e Tardif. É importante destacar que Foucault ficou em sexto lugar, de um total de 23 autores classificados como mais citados, estando à frente de autores como Marx, Gramsci, Bourdieu e Habermas. No segundo período (2008 a 2010), a pesquisa classificou os 11 autores brasileiros e estrangeiros mais citados. Entre os brasileiros, ficaram nos dois primeiros lugares Freire e Saviani, seguidos de três autores do campo. Entre os autores estrangeiros, ocuparam os primeiros lugares, nessa ordem, Marx, Bourdieu e Foucault. Nos últimos lugares entre os autores estrangeiros, estavam aqueles mais relacionados ao campo, como Perrenoud, Tardif e Alarcão. Como ficou evidenciado nas pesquisas coordenadas por Brzezinski (2014) e André (2009), Foucault é o único autor pós-estruturalista que aparece nas referências de teses e dissertações, ao lado de autores mais próximos às teorias críticas, como é o caso de autores brasileiros e estrangeiros.

De acordo com André (2010), foi reduzido o número de pesquisas abordando as condições do trabalho docente, carreira e organização sindical nos anos 1990. No entanto, esse cenário se modifica, sobretudo na atualidade, como será visto mais adiante. Tratam-se de três pesquisas dos últimos anos que buscam conhecer a realidade do professor brasileiro, identificando sua posição socioeconômica, sua formação, seus valores e suas condições de trabalho. São três grandes surveys, dois deles realizados com o patrocínio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e um terceiro financiado pelo Ministério da Educação e realizado por um grupo que estuda e pesquisa questões relacionadas ao trabalho docente.

A primeira pesquisa, apresentada no livro *O perfil dos professores no Brasil: o que fazem, o que pensam, o que almejam* publicado pela Unesco (2004), envolveu uma amostra de cinco mil professores de escolas públicas e privadas dos 27 estados brasileiros. Essa investigação buscou traçar um quadro que caracterizasse o professor brasileiro da educação básica, identificando suas características socioeconômicas e profissionais, assim como suas percepções e opiniões sobre questões educacionais, sociais e políticas.

A segunda pesquisa, que faz um grande levantamento sobre os professores da educação básica, foi coordenada por Gatti e Barreto (2009). Os resultados estão no livro *Professores do Brasil: impasses e desafios*, lançado pela UNESCO. Além de dados sobre a inserção profissional dos professores, incluindo carreira e salário, apresenta dados e analisa com mais profundidade a formação dos docentes brasileiros, os currículos dos cursos de licenciatura, o perfil dos estudantes que buscam tais cursos, a formação continuada e os cursos de licenciatura a distância.

A mais recente pesquisa foi coordenada por Oliveira e Vieira (2010) e seus resultados são apresentados no trabalho intitulado *Trabalho docente na educação básica no Brasil: sinopse do survey nacional*. A pesquisa foi financiada pelo Ministério da Educação e realizada em sete estados das diferentes regiões brasileiras, tendo sido liderada pelo Grupo de Estudos em Políticas Educacionais e Trabalho Docente (GESTRADO). A amostra foi composta por quase nove mil docentes e o relatório apresenta dados sobre o perfil socioeconômico e cultural dos professores que trabalham nas diversas etapas da educação básica, incluindo dados sobre carreira e salário. Ao lado disso, apresenta dados sobre as condições de trabalho docente, as principais tarefas desenvolvidas pelos docentes, os recursos pedagógicos que as escolas disponibilizam, o acesso à formação continuada e as repercussões das mudanças trazidas pelas políticas educacionais no trabalho e na saúde do professor.

CONCLUINDO

Como pôde ser visto, alguns aspectos são comuns aos campos de pesquisa currículo e formação docente. O primeiro deles é a ampliação crescente de ambos nas últimas décadas, sendo que esse crescimento ocorreu primeiramente no campo da formação docente – enquanto este se ampliou a partir dos anos 1980, o campo do currículo cresceu principalmente a partir dos anos 1990. Outro aspecto diz respeito à dispersão de temas trabalhados nas duas áreas e apontados nos levantamentos aqui apresentados. Ao lado disso, é importante mostrar como essas duas áreas se interpenetram, pois uma temática recorrente no campo da formação docente diz respeito aos cursos que formam o professor e nas pesquisas sobre esse tema há sempre referências aos currículos de tais cursos. Da mesma forma, muitas pesquisas que focalizam o currículo em ação, ou seja, a prática curricular em sala de aula, discutem aspectos relacionados à prática pedagógica dos professores, temática que está também relacionada ao campo da formação docente. Assim, como consta no início deste trabalho, o fato de vários pesquisadores que trabalham no campo do currículo também produzirem trabalhos sobre a formação docente facilita a interpenetração de ideias entre esses dois campos.

É ainda importante salientar, como foi mostrado, que atualmente no campo do currículo predominam estudos que se fundamentam em uma literatura pós-estruturalista, porém o campo da formação docente continua sendo orientado predominantemente pela tradição da teoria crítica. A influência do pós-estruturalismo nesse último talvez seja resultado do fato de os pesquisadores do campo do currículo desenvolverem e/ou orientarem pesquisas no campo da formação docente.

Vale também mostrar que a liderança no campo do currículo pelos pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi substituída pela dos pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pode-se também dizer que as pesquisas que focalizam aspectos mais diretamente relacionados aos cursos de formação inicial e continuada, prática pedagógica dos professores, questões de identidade e gênero se concentram na Universidade Federal de São Paulo, enquanto as pesquisas sobre as condições de trabalho do professor ganham proeminência na Universidade Federal de Minas Gerais.

Por último, é necessário enfatizar que os dois campos – currículo e formação docente – precisam ampliar e melhorar sua produção, realizando pesquisas que envolvam diferentes instituições de distintos estados, produzindo estudos mais amplos que possam de fato contribuir com as políticas públicas e as ações de órgãos centrais em nível federal, estadual e municipal. Considerando também que currículo e formação de professores, são áreas fundamentais para o desenvolvimento da educação básica, os estudos nesses campos poderiam privilegiar levantamentos sobre o que ocorre nas escolas e salas de aula, o que inclui o trabalho e o desenvolvimento profissional dos professores e suas conexões com as políticas e práticas curriculares das diferentes disciplinas e áreas de estudo. Essa seria uma grande contribuição, pois somente quando se compreende a realidade torna-se possível transformá-la. Daí o importante papel da pesquisa educacional, ao trazer dados e produzir conhecimentos que permitam compreender a realidade da educação brasileira em seus diferentes aspectos e níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. A produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/7/4>>. Acesso em: set. 2014.

_____. A pesquisa sobre formação de professores: contribuições à delimitação do campo. In: DALBEN, A.; LEAL, L.; SANTOS, L. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 273-287.

ANDRÉ, M. *et al.* Estado da arte da formação de professores no Brasil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 68, p. 301-309, dez. 1999.

O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam... Pesquisa Nacional UNESCO. São Paulo: Moderna. 2004

BRZEZINSKI, I. A pesquisa sobre a formação de profissionais da educação. In: REUNIÃO GT 8, 30., 2007, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPEd, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos_encomendados/trabalho%20encomendado%20gt08%20-%20int.pdf>. Acesso em: set. 2015.

_____. (Org.). *Formação de profissionais da educação (2003-2010)*. Brasília, DF: INEP, 2014. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/882>>. Acesso em: set. 2015.

E-Curriculum, v. 12, n. 3, 2014.

GATTI, B. A.; BARRETO, E.S. (Coord.). *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília, DF: Unesco, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682POR.pdf>>. Acesso em: set. 2015.

KUMAR, A. Curriculum studies in Brazil: an overview. In: PINAR, W. (Org.). *Curriculum studies in Brazil: intellectual histories, present circumstances*. New York: Palgrave Macmillan, 2011. p. 27-42.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. F. The curriculum field in Brazil in the 1990s. In: PINAR, W. (Org.). *International handbook of curriculum research*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 185-203.

_____. The curriculum field in Brazil since the 1990s. In: PINAR, W. (Org.). *International handbook of curriculum research*. New York: Routledge, 2014. p. 86-100.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. F.; PAIVA, E. Mapping researches on curriculum in Brazil. *Journal of the American Association for Advancement of Curriculum Studies*, v. 2, n. 1, p.1-30, Feb. 2006. Disponível em: <<http://www2.uwstout.edu/content/jaaacs/vol2/lopes.htm>>. Acesso em: set. 2015.

MOREIRA, A. F. B. *Currículos e programas no Brasil*. Campinas: Papirus, 1990.

_____. O campo do currículo no Brasil: construção no contexto da ANPEd. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 117, p. 81-101, nov. 2002.

_____. The curriculum field in Brazil: emergence and consolidation. In: PINAR, W. (Org.). *International handbook of curriculum research*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 171-184. Disponível em: <http://www.researchgate.net/profile/Monique_Volman/publication/254759716_Curriculum_theory_in_the_Netherlands/links/0f31753b6c5c532e95000000.pdf#page=184>. Acesso em: set. 2015.

OLIVEIRA, D. A.; VIEIRA, L. M. F. (Coord.). *Trabalho docente na educação básica no Brasil: sinopse do survey nacional*. [S.l.: s.n.], 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...* São Paulo: Moderna, 2004.

PACHECO, J. A. *et al.* Currículo na contemporaneidade: internacionalização e contextos locais – livro de resumos e programas. COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO, 7, 2014, Braga. *Anais...* Braga: Universidade do Minho, 2014.

PINAR, W. Introduction. In: _____ (Org.). *International handbook of curriculum research*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 1-31. Disponível em: <http://www.researchgate.net/profile/Monique_Volman/publication/254759716_Curriculum_theory_in_the_Netherlands/links/0f31753b6c5c532e95000000.pdf#page=184>. Acesso em: set. 2015.

_____. (Ed.). *Curriculum studies in Brazil: intellectual histories, present circumstances*. New York: Palgrave Macmillan, 2011a.

_____. Introduction. In: _____ (Ed.). *Curriculum studies in Brazil: intellectual histories, present circumstances*. New York: Palgrave Macmillan, 2011b. p. xi-xii.

SANTOS, L. L. Formação do (a) professor (a) e pedagogia crítica. In: FAZENDA, I. (Ed.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 17-27.

_____. Currículo em tempos difíceis. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 45, p. 291-306, jun. 2007.

ZEICHNER, K. M. Tendências da pesquisa sobre formação de professores nos Estados Unidos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 9, p. 76-87, set./out./nov./dez. 1998.